

Mirela Cabral



Mirela Cabral

Coisas Primeiras

Abertura

21 de novembro de 2023,
terça-feira, 18h30 às 22h

Exposição

De 22 de novembro a
22 de dezembro de 2023

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador/BA · CEP 40081-310
71 3267.0930 · 99918.6205 · paulodarze@terra.com.br
www.paulodarzegaleria.com.br

Coisas Primeiras

THEO MONTEIRO

Curador

Uma das funções precípuas da pintura (da boa pintura) é comunicar/disparar estímulos sensoriais. Em um momento no qual parte daqueles que praticam este ofício vem voltando seu interesse para um tipo de “mensagem” mais direta, Mirela Cabral busca algo anterior, ou como diz o título de um trabalho seu, as *Coisas Primeiras*. Suas pinceladas, gestos, camadas pictóricas, paletas cromáticas e texturas emanam, nas mais diversas configurações que assumem em sua poética, incontáveis estados de espírito. Cores e texturas são as maneiras mais primárias com que um ser vivo aprende a ler o mundo. São, portanto, a experiência sensorial mais democrática que existe. Você pode não conhecer uma determinada cor ou textura, mas pode senti-la, percebê-la. Quando trabalhadas em estado puro, despidas de “disfarces”, nos oferecem sensações e estados de espírito de forma mais direta. Mirela Cabral fala desse lugar. Você não precisa entender de pintura para ser atravessado por um trabalho dela.

Por lidar com estados de espírito através de uma sensorialidade apuradíssima, a pintura de Mirela não cabe em “caixas”, “fases” ou cronologias. Existe um caminho, mas a percepção do numinoso transita por um terreno que transcende a lógica. E falamos de alguém que explora e experimenta incessantemente com a pintura, se interessa por ela, pensa ela e se comunica através dela. A previsibilidade e a fórmula não vão dar as caras por aqui. Não se pode nomear as tais “coisas primeiras”, mas se pode senti-las.



Coisas primeiras, 2023
120 x 120 cm · Óleo sobre tela

Indo por esse caminho, é redutor classificar sua pintura como “figurativa” ou “abstrata”, categorias que cada vez mais vão envelhecendo e se tornando limitantes. Existe figura ali. Povoam suas composições, por vezes de grandes dimensões, resquícios de jardins, sacadas, arquiteturas, caminhos e pessoas. Mas gestos ambíguos, massas de tinta, traços, manchas e empastos aparecem para provar que é de pintura, e não de tema, que estamos falando. A configuração ali assumida, que pode nos soar familiar, é só uma possibilidade, um pretexto, um arranjo possível. E aí entra um ponto alto de sua poética: Mirela, como alguém que observa o mundo através da pintura, constrói sua pintura a partir daquilo que existe no mundo. Uma vista, um arranjo de mesa, um elemento arquitetônico, uma memória, uma música: todo estímulo sensorial interessante, por mais aleatório que possa nos soar, lhe serve de matéria-prima. Uma lição que guarda com carinho é uma ensinada por sua mãe, que lhe orientava a organizar suas coisas e seu entorno por meio das “cores que existem na natureza”.

Essa exposição reúne duas direções poéticas que Mirela experimentou ao longo dos últimos meses. Não falamos aqui de séries fechadas ou conjuntos acabados, até porque nossa artista não pretende esgotar qualquer questão. Trata-se de experiências pictóricas que realizou e vem realizando, proporcionando possibilidades de pensar a pintura e as sensorialidades dela advinda.

Da primeira “direção”, se origina um grupo de trabalhos colorido, exuberante e luminoso, cujos títulos trazem alusão a topônimos (*Barra, Casa da Mãe*), gestos (*Batuque*), elementos (*Oferenda, Barbalho e Lírios*) e músicas (*Anos Blues*). São pinturas que pinçam elementos da natureza morta, paisagem, retratos e outros gêneros pictóricos, combinando-os com elementos pictóricos puros, como

massas de tinta, texturas e pinceladas. Em algumas, como *Casa de Mãe e Barra*, parece existir uma certa sugestão de atmosfera, talvez em função do emprego de uma pincelada mais lisa e do amplo emprego dos azuis e suas tonalidades, cores que sugerem espaços infinitos. A artista, não se prendendo a nenhum tipo de mimetismo, acaba chegando no atmosférico por meio de sua essência: sugerindo profundidade e abertura. No caso da segunda, ainda que existam elementos de ordem mais “tectônica”, como alguns signos brancos na parte superior da tela, o predomínio é de uma sinfonia azulada, que vai do cerúleo ao turquesa, com alguns poucos vestígios botânicos que vicejam pela tela.

Outro interessante trabalho desse momento é *Oferenda*. Associada a rituais religiosos, a palavra consiste em ofertas e presentes fornecidos para agentes espirituais. Predomina nessa composição um indefinido fundo verde, que, quando próximo das extremidades, ganha coloração muito escura e quase opaca, mas quando se aproxima da área central da composição se mistura com o branco, ganhando um caráter algo enevoado, quase etéreo. Logo abaixo desse encontro verde-branco, azuis, beges, rosas e roxos surgem de maneira bruxuleante, como lampejos cromáticos. Se o fundo parece sugerir algo impenetrável, que não cabe a nossa compreensão, o arranjo pictórico central, formado por esse exuberante cromatismo, parece sugerir uma tentativa de comunicação com o inatingível. O mesmo pode-se dizer de *Yemanjá*, na qual, em meio a uma imensidão azul, tons de verde e azul parecem apontar que algo ali vive. Pintar é estabelecer relações entre cores, e é exatamente isso que Mirela faz. De um desconhecido e misterioso azul, desabrocham o orgânico e o vivo. Está tudo ligado.

Batuque se destaca por vivos rompantes de vermelho em meio a um fundo bege com notas vermelhas. Aqui vemos

uma aproximação com a música. Da mesma forma que as batucadas sonoras se sobressaem em meio ao silêncio ou a um concerto, aqui elas explodem, trazendo dinamismo e pulsação para a composição.

E aí chegamos às pinturas da segunda direção. A cor ainda comparece, mas perde um pouco de sua luminosidade. Muda a consistência também: o atmosférico de antes se converte em uma matéria úmida, pantanosa, densa. O colorido fica mais sóbrio, mais telúrico. As pinturas de antes parecem almejar o cósmico, o infinito, o numinoso. As dessa leva têm algo de cético: se sabem pinturas, e se pensam como tal. *Chegada* apresenta uma composição similar a de um arranjo floral, mas não são flores que brilham. Seus vermelhos e rosas tem algo de sanguíneo, visceral. Seus verdes mais transpiram do que respiram.

Dentro, fora apresenta um arranjo de verdes e amarelos de consistência úmida e brilho telúrico. O enquadramento tem algo de sufocante. Embora o título faça uma alusão a um lado de “fora”, os poucos rastros de azul claro que brotam na composição não parecem anunciar a saída de nada. Parecem enroscados em meio a um ramalhete denso de pigmento.

Gosto da chuva traz título ambíguo. Ficamos em dúvida se estamos diante do apreço da artista pelo fenômeno meteorológico ou se na verdade ela se detém no seu “sabor”. O fato é que aquilo que vagamente se assemelha a uma paisagem parece molhado, pastoso, derretido. Na parte superior da tela, a aplicação de terebentina traz um aspecto lavado, como se uma grande massa de água se abatesse sobre o resto.

E a sensação é a de umidade generalizada, da qual uma simples linha, similar a um corrimão, parece ser a única a escapar ilesa. Nesses trabalhos Mirela evoca a matéria, o tátil, o telúrico, a víscera.

Nossa artista, por construir sua pintura através daquilo que cruza seu caminho, não se pretende a empreitadas inéditas, invencionices ou revoluções. A pintura tem toda uma história por trás, e Mirela sabe disso. Resta, baseado em tudo aquilo que a antecedeu, oferecer sua versão, os seus arranjos e apontar caminhos para o fazer pictórico.



Copo-de-leite, 2023

75 x 55 cm · Óleo sobre papel



Copo-de-leite, 2023
75 x 55 cm · Óleo sobre papel

First Things

THEO MONTEIRO

Curator

One of the main roles of the painting (the good painting) is to communicate/trigger sensorial stimuli. In a moment in which those who practise this craft have been directing their interest to a sort of more direct “message”, Mirela Cabral searches for something prior, or as the title of one of her artworks, the First things. If her brushstrokes, gestures, pictorial, chromatical palettes and textures emanate, in the most diverse settings that assume in their poetics, uncountable states of mind. Colours and textures are the most primary ways that a living being learns how to read the world. They are, therefore, the most democratic sensorial experience there is. You might not know a particular colour or texture, but you may feel it, perceive it. When they’re worked in a pure state, denuded of “disguises”, they offer us feelings and states of mind in a more direct way. Mirela Cabral talks about this space. You don’t need to understand painting to feel moved by one of her artworks.

For dealing with states of mind through a keen sensoriality, Mirela’s painting doesn’t fit in “boxes”, “phases” or chronologies. There’s a path, but the perception of the numinous transits through a field that transcends logic. And we talk about someone who explores and experiments with painting relentlessly, is interested in it, thinks it and communicates through it. The previsibility and formula won’t show up here. One can’t name such “first things”, but can feel them.

Going through this way, it's reductive to classify her painting as "figurative" or "abstract", categories that continuously age and become bounding. There's a figure over there. Her compositions are populated, sometimes in big dimensions, garden remains, balconies, architectures, paths and people. Yet ambiguous gestures, masses of paint, lines, stains and strong brushstrokes show up to prove that it's about the painting itself we are talking about, and not about the theme. The set up assumed over there, that might sound familiar, is just a possibility, a pretext, a possible arrangement. And then we reach a peak of her poetics: Mirela, as someone who observes the world through painting, creates her painting through what exists in the world. A view, a table arrangement, an architectonic element, a memory, a song: every interesting sensorial stimulus, as random as it sounds, serves her as raw material. A lesson she keeps with affection is taught by her mother, who guided her to organise her stuff and her surroundings through "colours that exist in nature".

This exhibition gathers two poetic directions Mirela experienced throughout the last months. Here we don't talk about closed series or finished sets, even because our artist doesn't intend to drain any subject. They're about the pictorial experiences she produced and has been producing, allowing possibilities of thinking about the painting and the sensorialities originated from it.

From the first "direction", a group of colourful artwork arises, exuberant and luminous, of which titles bring the allusion to toponyms (Barra, Casa da Mãe), gestures (Batuque), elements (Oferenda, Barbalho e Lírios) and songs (Anos Blues). They are paintings that pinch elements of dead nature, landscape, portraits and other pictorial genres, combining them with pure pictorial elements, with masses of paint, textures and brushstrokes. In some of

them, such as Casa de Mãe and Barra, it seems there is a particular suggestion of an atmosphere, maybe due the use of a smoother brushstroke and large usage of blues and its tones, colours that suggest infinity spaces. The artist, not attaching herself to any type of mimetism, ends up in the atmospheric through her essence: suggesting depth and openness. In the case of the second one, even there are elements of a more “tectonic” order, with some white symbols in the upper canvas, the predominance of a blue symphony, that goes from cerulean to turquoise, with a few botanical remains that thrive through the canvas.

Another interesting work of this moment is Oferenda. A word associated with religious rituals, the same one that consists in offerings and gifts to spiritual agents. It prevails in this composition an undefined green background, of which, when close to the edges, it gains a very dark and almost opaque colour, but when it approaches the central area of the composition it merges with the white, obtaining a foggy character, almost ethereal. Right below this green-white rendez-vous, blues, beiges, roses and purples arise in a flickering way, as chromatic flashes. If the background seems to suggest something impenetrable, that doesn't fit in our comprehension, the main pictorial adjustment, fabricated by this exuberant chromatism, that seems to suggest a trial of communication with the intangible. The same can be said about Yemanjá, which, among a blue vastness, shades of green and blue seem to point to something that lives in there. To paint is to establish relations between colours, and that's exactly what Mirela does. From an unknown and mysterious blue, the living and the organic blossoms. Everything is intertwined.

Batuque highlights itself out of the living outbursts of red amongst a beige background with red notes.



Copo-de-leite, 2023
75 x 55 cm · Óleo sobre papel

Here we meet an approach to music. In the same way that the sonorous batucadas* stand out amidst the silence or a concert, here they explode, bringing the dynamism and pulse to the composition.

Then we get to the paintings of the second direction. The colour still shows up, but it loses a little bit of its luminosity. The consistency also changes: the former atmosphere converts into a humid, swampy, dense matter. The colours get sober, more terrestrial. The previous paintings seem to aim at the cosmic, the infinity, the numinous. These ones have something sceptical: they acknowledge themselves as paintings, and they think of themselves as paintings. Chegada presents a similar composition of a flower arrangement, but it's not the flowers that glimmer. Its reds and roses have something sanguineous, visceral. Its greens transpire more than they breathe.

Dentro, fora presents an arrangement of greens and yellows of a humid consistency and telluric shine. The framework has something suffocating. Even though the title alludes to a "outside", the few remains of light blue that grows into the composition doesn't seem to announce the exit of anything. They seem tangled among a dense bunch of pigmen

Gosto da chuva has an ambiguous title. We get confused if we're in front of the artist's esteem for the meteorological phenomenon or if she holds up on the "taste" of it**. The fact is that what vaguely resembles a landscape seems wet, doughy, melted. At the upper part of the canvas, the appliance of turpentine brings a washed aspect, as if a great mass of water has knocked down the rest. And the feeling is a generalised humidity, of which a simple line,

* Drumming

similar to a handrail, seems to be the only one to escape unharmed. In these works Mirela evokes the matter, the tactile, the teluric, the visceral.

Our artist, by constructing her painting through that which crosses her path, doesn't intend previously unseen endeavours, inventions or revolutions. The painting has an entire history behind, and Mirela knows it. What is left, based on everything that has preceded her, to offer her version, her arrangements and point the way to the pictorial craft.

** Translator's note: "gosto" in Brazilian Portuguese might refer to the verb "gostar" (to like) and to the noun "gosto" (taste).



Anos Blues, 2023

150 x 280 cm · Materiais diversos sobre papel

*“Não se pode
nomear as tais
coisas primeiras,
mas se pode
senti-las”*



Barra, 2023
100 x 100 cm · Óleo sobre tela



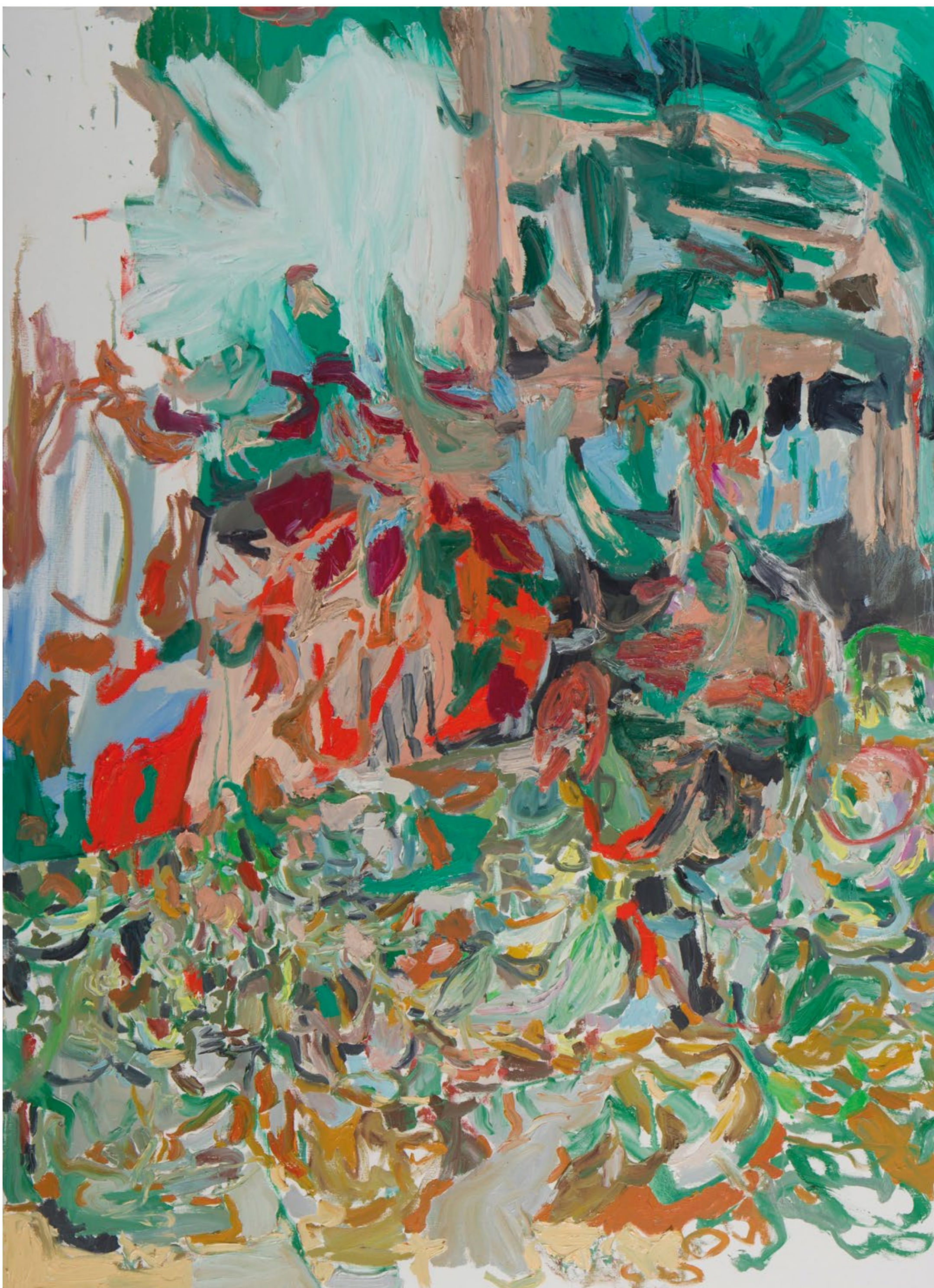
Corpos II, 2023
165 x 120 cm · Óleo sobre tela



Ofrenda, 2023
130 x 200 cm · Óleo sobre tela



Casa da Mãe, 2023
130 x 200 cm · Óleo sobre tela



Corpos I, 2023
165 x 120 cm · Óleo sobre tela

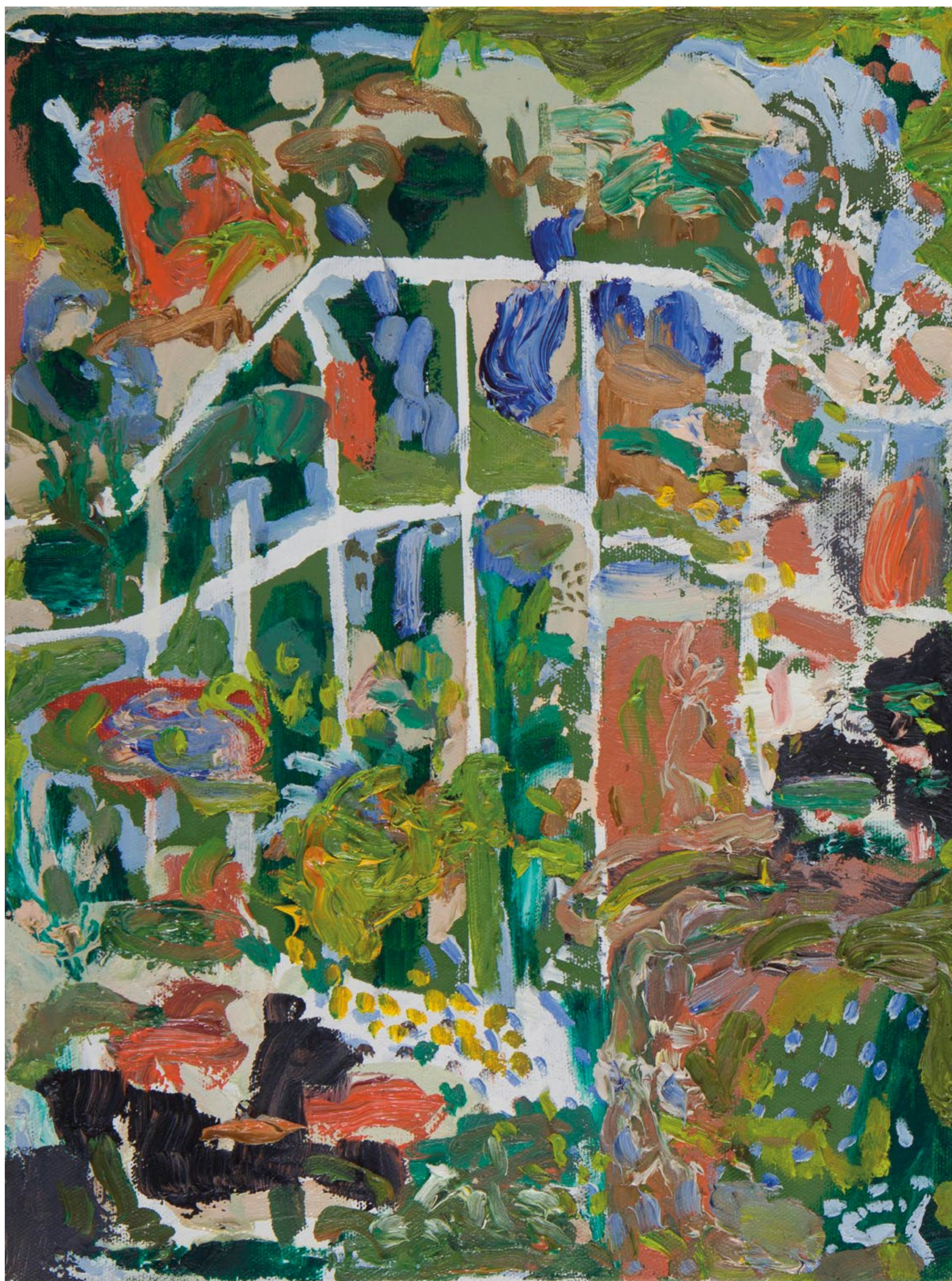
*“Cores e texturas
são as maneiras mais
primárias com que
um ser vivo aprende
a ler o mundo”*



Vento, 2023
130 x 200 cm · Óleo sobre tela



Olhos cheios, 2023
238 x 296 cm · Óleo sobre linho



Corrimão nº 13, 2023
40 x 30 cm · Óleo sobre tela



Dolpitanga, 2023
140 x 160 cm · Óleo sobre tela



Madrugada, 2023
80 x 120 cm · Desenho sobre papel



Dentro, fora, 2023

120 x 120 cm · Óleo sobre linho



Yemanjá, 2023
130 x 200 cm · Óleo sobre tela



Gosto da chuva, 2023
120 x 120 cm · Óleo sobre linho



Gosto da chuva II, 2023
120 x 120 cm · Óleo sobre linho



Memória a dois I, 2023

140 x 120 cm · Óleo sobre linho



Chegada, 2023
140 x 120 cm · Óleo sobre linho

Salvador, Bahia - Brasil, 1992

Vive e trabalha em São Paulo, São Paulo – Brasil

Mirela Cabral tem bacharelado em Comunicação Social com especialização em Cinema pela FAAP. Simultaneamente, ela participou de programas na Parsons Paris, NYFA e UCLA. No Brasil, ela foi aluna de Agnaldo Farias e Charles Watson. Hoje, Mirela é representada pela Paulo Darzé Galeria em Salvador, Bahia, e se dedica ao desenho, pintura e também é uma ativista da violência contra as mulheres.

EXPOSIÇÕES

2022

- SP Arte. Pavilhão da Bienal. Kogan Amaro Galeria, São Paulo, Brasil.
- 'So Show'. Curadoria: Gigi Guttersen & Giallo, São Paulo, Brasil.

2021

- SP Arte. Arca. Kogan Amaro Galeria, São Paulo, Brasil.
- 'Prelúdio'. Exposição individual na Kogan Amaro Galeria. Zurique, Suíça.
- 'Rebento'. Exposição individual na Kogan Amaro Galeria. São Paulo, Brasil. Curadoria: Agnaldo Farias.
- 'Acervo Rotativo'. Exposição coletiva no Instituto Adeline. São Paulo, Brasil. Curadoria: Laerte Ramos.
- 'Acervo em exposição'. Exposição coletiva no Museu FAMA. Itu (São Paulo), Brasil.

2020

- 1º Salão de Artes Para Adiar o Fim do Mundo – Casa Visual Galeria, Tocantins, Brasil.
- SP Arte. Kogan Amaro Galeria, São Paulo, Brasil.
- Art Rio. Kogan Amaro Galeria, Rio de Janeiro, Brasil. Curadoria: Pollyana Quintella
- Latitude Art Fair. Curadoria: Allan Yzumizawa.

2018

- 'Formas de voltar para casa'. Exposição feminina coletiva no Estúdio Diana Motta. São Paulo, Brasil. Curadoria: Julia Lima.
- Feira Parte. Galeria Emma Thomas, São Paulo, Brasil. Curadoria: Ricardo Resende.

COLEÇÕES PÚBLICAS

- Yuan Art Collection, Lucerne, Suíça.



Memória a dois II, 2023
120 x 120 cm · Óleo sobre linho

Salvador, Bahia - Brazil, 1992

Lives and works in São Paulo, São Paulo – Brazil

Mirela Cabral holds a BA degree in Social Communication with a major in Film from FAAP. Simultaneously, she's attended art programs in such schools as Parsons Paris, NYFA and UCLA. In Brazil, she took classes with Agnaldo Farias and Charles Watson. Today, Mirela is represented by Paulo Darzé Galeria in Salvador (Bahia) and dedicates herself to drawing, painting and also an activist in combating violence against woman.

EXHIBITIONS

2022

- SP Arte Fair. Pavilhão da Bienal. Kogan Amaro Gallery, São Paulo, Brazil.
- 'So Show'. Curatorship: Gigi Guttersen & Giallo, São Paulo, Brazil.

2021

- SP Arte Fair. Arca. Kogan Amaro Gallery, São Paulo, Brazil.
- 'Prelúdio'. Solo show Kogan Amaro Gallery. Zurich, Switzerland.
- 'Rebento'. Solo show at Kogan Amaro Gallery. São Paulo, Brazil. Curatorship: Agnaldo Farias.
- 'Acervo Rotativo'. Group show at Adelina Institute. São Paulo, Brazil. Curatorship: Laerte Ramos.
- 'Acervo em exposição'. Group show at FAMA Museum. Itu (São Paulo), Brazil.

2020

- 1º Salão de Artes Para Adiar o Fim do Mundo - Casa Visual Gallery, Tocantins, Brazil.
- SP Arte Fair. Kogan Amaro Gallery, São Paulo, Brazil.

- *Art Rio Fair. Kogan Amaro Gallery, Rio de Janeiro, Brazil* Curatorship: Pollyana Quintella
- *Latitude Art Fair. Curatorship: Allan Yzumizawa.*

2018

- *'Formas de voltar para casa' Women group show at Diana Motta's Studio. São Paulo, Brazil. Curatorship: Julia Lima.*
- *Feira Parte Art Fair. Emma Thomas Gallery, São Paulo, Brazil. Curatorship: Ricardo Resende.*

PUBLIC COLLECTIONS

- *Yuan Art Collection, Lucerne, Switzerland.*



Maria Antônia, 2023
100 x 100 cm · Óleo sobre tela



Barbalho e Lírios, 2023
200 x 260 cm · Óleo sobre tela



Batuque, 2023
140 x 200 cm · Óleo sobre tela

Organização

Thais Darzé

Paulo Darzé

Produção executiva

Cica Lima

Mainah de Andrade Rego

Patricia Ribeiro

Texto e Curadoria

Theo Monteiro

Tradução

Mainah de Andrade Rego

Projeto gráfico do catálogo

P55 Edição

Créditos fotográficos

Filipe Berndt

Marcio Lima

Assessoria de imprensa

Claudius Portugal



www.paulodarzegaleria.com.br
